

ESAÚ E JACÓ: RUMINANDO TEORIAS SOBRE LEITURA

Henriqueta do Coutto Prado Valladares (UERJ)
pradovalladares@ig.com.br

Em *Esau e Jacó* já a “Advertência”, que abre o romance, traz alguns dos desafios que devem assumir os leitores frente a um texto escrito por Machado de Assis, “autor-real” da obra, que cria um “autor fictício” – o Conselheiro Aires. Sete cadernos, “rijamente encaçados em papelão” são encontrados sobre a mesa secretária do diplomata. Os seis primeiros cadernos formam o *Memorial de Aires* (1908), obra publicada posteriormente ao Último caderno, que vem a ser *Esau e Jacó* (1904), narrativa que, diversamente das *Memórias*, apresenta um ponto de vista em 3ª pessoa, onde o Conselheiro Aires figura então como personagem do romance. Nesta mesma “Advertência” multiplicam-se as dúvidas dos leitores, visto que se levantam indagações, muitas delas sem respostas, suposições que, por sua vez, os levam a questões teóricas relacionadas à autoria, ponto de vista do narrador, posturas de diversos tipos de leitores diante de várias situações, fatos, psicologia dos personagens, que se lhes apresentam durante a leitura do romance, como passaremos a destacar neste ensaio crítico.

A leitura da “Advertência”, que abre o livro, é então convite desafiador para que os leitores multipliquem seus olhares, mesmo antes de estar frente ao capítulo primeiro do romance. São levados a pensar na dupla autoria do texto que passarão a ler. Falamos do autor Machado de Assis que se apresenta também como leitor fictício daqueles cadernos escritos por Aires. O Conselheiro que, por sua vez, também se desdobra em narrador do *Memorial*, autor das obras citadas, e que é personagem de *Esau e Jacó*, ganhando destaque nessa narrativa, como veremos mais adiante.

Notamos dessa forma em *Esau e Jacó* as possibilidades que o romance oferece aos leitores, no sentido de refletir em relação ao seu aspecto teórico-literário, além de outros (histórico, psicológico e social).

Talvez possamos considerar o capítulo XIII: “A Epígrafe” uma espécie de “carro-chefe”, porque traz muitas das idéias que o

CRÍTICA LITERÁRIA I

romance coloca para os seus leitores no que diz respeito ao universo teórico da leitura. A comparação daquela narrativa com o jogo de xadrez convida os leitores para uma participação efetiva, na medida em que, sem ela, não seria possível estabelecer os sentidos que não se encontram apenas no final da obra. Poderíamos talvez pensar em uma leitura que incita seus leitores a valorizar o caminho muito mais do que a atingir o seu final. A narrativa de *Esau e Jacó* apresenta trechos que se dobram em sentidos múltiplos que requerem dos leitores ações (muito mais do que a espera do que aconteceu ou ainda do que vai acontecer) para alcançarem entendimento. Gledson (1986), em *Machado de Assis: ficção e História*, no capítulo sobre *Esau e Jacó*, afirma que há, nele, trechos que chegam a ser muito difíceis de decifrar. Por isso, no referido capítulo, intitulado “A Epígrafe”, as intenções escritas que consistem em apresentar aos leitores “diagramas” que os ajudem a perfazer significados, ou em dar “um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro” (Assis, 1959, p. 894), são logo descartadas. A comparação entre a narrativa e o jogo de xadrez também se estenda à posição de autoria da obra, uma vez que não se trata de apresentar aos leitores um sentido acabado, trabalhado por um autor que domina toda a história que vai contar. O trecho do capítulo que transcrevemos, a seguir, ilustra nosso pensamento:

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trabalhos (Assis, 1959, p. 894).

Nota-se, pelas palavras do narrador, que já se abala o reino do autor soberano, que não se apresenta nesta narrativa como sendo o todo poderoso, mas aquele que também depende do leitor que, por sua vez, vai perdendo a posição de passividade diante do que lê. São várias as intervenções do narrador, apostrofando os leitores e as leitoras, conclamando-os à participação, ao esforço de superar suas expectativas que, muitas vezes, prendem sentidos a preconceitos, forçando-os à revisão de suas crenças em valores de leitura estabelecidos e regulados pela Crítica literária do Século XIX. A atitude prévia do leitor que, antes mesmo de ler o texto, quer saber o final da história torna-se reiteradas vezes objeto de crítica por parte do narrador de *Esau e Jacó*. Cito aqui duas passagens, porque são inúmeras neste romance, que conduzem os leitores

...para além da história: Há, nos mais graves acontecimentos, muitos pormenores que se perdem, outros que a imaginação inventa para suprir os perdidos, e nem por isso a história morre (Assis, 1959, p. 904).

E o trecho que lemos a seguir:

(...) e o leitor que volte a página, se prefere ir atrás da história. Eu ficarei durante algumas linhas, recordando as barbas mortas, sem as entender agora, como não as entendemos então, as mais inexplicáveis barbas do mundo” (Assis, 1959, p. 905).

O último parágrafo do capítulo “A Mulher é a desolação do Homem” traz exemplo amplamente conhecido, porque citado em quase todos os textos críticos sobre *Esau e Jacó*, devido ao tratamento dado ao leitor muito mais próximo da modernidade atingida nas obras surgidas no século XX, quando este passa a ser parte integrante da constituição da obra artística e não apenas seu mero espectador. Assim a definição que lemos lá, a saber,

...o leitor atento, verdadeiramente ruminante tem quatro estômagos no cérebro, e por eles faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduz a verdade, que estava, ou parecia estar escondida (Assis, 1959, p. 948),

aproxima-se muito do que diz Umberto Eco, em uma de suas “conferências Norton”, exatamente a primeira delas, que se intitula “Entrando no Bosque”, a respeito do que ele considera um “leitor modelo”.

O teórico italiano apresenta distinção entre o “leitor empírico” e o “leitor modelo” (Eco, 1994, p. 14-56), conceituando o primeiro como aquele que faz projeções pessoais, como aquele que se identifica com personagens e situações ficcionais, o que determina (ou não) o seu gosto pela obra. Já o segundo é uma espécie de leitor que não existe fora do texto, é a projeção de um tipo ideal que o autor constrói, capaz de estabelecer um pacto com ele, o que permite ao leitor ficar sempre atento aos lances importantes da narração, e ser capaz de assumir várias subjetividades para entender aquelas (seja dos personagens, do narrador e mesmo do autor) que se lhe apresentam na história de ficção.

Poderíamos dizer que a narrativa de *Esau e Jacó* delinea muito nitidamente este tipo de leitor, porque se faz muito difícil estabelecer nela relações de identidade imediata, seja com os personagens da obra, seja com fatos e situações vividas por eles, como que-

CRÍTICA LITERÁRIA I

rem os leitores empíricos. Assim, só para citar um exemplo, Flora frustra este tipo de leitor que, a princípio, imaginava que ela faria parte de uma linda e perfeita história de amor com um dos gêmeos Pedro ou Paulo, ou que, se não escolhesse um dos dois, se casaria com outro rapaz. O próprio narrador é sensível a esta expectativa ao desviar a “leitora curiosa” desse sentido, advertindo-a da seguinte maneira, no capítulo XLVIII:

(...) não me faltará leitora que presuma um terceiro. Um terceiro explicaria tudo, um terceiro que não fosse ao baile, algum estudante pobre, sem outro amigo nem mais casaca que o coração verde e quente. Pois nem esse, leitora curiosa, nem terceiro, nem quarto, nem quinto, ninguém mais. Uma esquisitona, como lhe chamava a mãe (Assis, p. 936).

Na sociedade do século XIX, quando o casamento se tornava quase que obrigatório para as mulheres, que na sociedade machista, não tinham opções de vida diferentes das que lhes eram impostas, aquelas que não seguissem seus ritos não eram compreendidas e conseqüentemente acumulavam alguns epítetos, como o que vimos a mãe de Flora empregar. Multiplicam-se as passagens em que o narrador adverte as leitoras que conjeturam mal, fazendo projeções a respeito da escolha da personagem, atribuindo-lhe o que seja já esperável de uma moça em idade casadoira, na sociedade oitocentista.

As conjeturas, as conclusões, as previsões das leitoras são rechaçadas pelo narrador também atento e crítico aos sentidos cristalizados previamente à narrativa. O narrador claramente apresenta sua opinião, evidenciando que o que o leitor espera do texto não é muitas vezes o que o autor vem construindo através da narração, onde o que importa pode bem ser o *como* se conta a história e não propriamente esta, ou que os acontecimentos da narrativa estejam vinculados aos seus desejos e anseios. Em *Esau e Jacó*, a expectativa de um final feliz para a história de amor entre os gêmeos e Flora não é satisfeita, o que configura nova frustração para os “leitores empíricos”. O amor dos gêmeos por Flora não é avassalador. O sentimento da moça por eles não se define nem por Pedro, nem por Paulo. Os dois igualmente não demonstravam sentimento extremado nem mesmo quando acontece a morte de Flora. O narrador, já pressupondo a expectativa da leitora, sinaliza o desejo dela de chegar logo ao capítulo dos amores, “seu interesse particular nos livros” (Assis, 1959, p. 910). Há muitos sinais na narrativa de *Esau e Jacó* da crítica à posição deste tipo de

leitor que permanece na inércia porque, ligado a si mesmo, só quer encontrar no livro aquilo que idealizou fora dele. Por isso, as conjecturas são rechaçadas pelo narrador que, por outro lado, solicita dos leitores a reflexão crítica, submete-os a sucessivas interrupções na continuidade do fluxo da história, incita-os ao levantamento de questões sem, às vezes, encontrar respostas definitivas porque, afinal de contas, o próprio Aires adverte a Natividade: “Baronesa, a senhora exige respostas definitivas, mas diga-me o que há definitivo neste mundo (...)” (Assis, 1959, p. 922). A leitura de *Esau e Jacó* não oferece, portanto, o conforto aos leitores, porque estes têm diante de si um mundo complexo pela pluralidade de vozes que falam na narrativa, até mesmo quando pensamos no ponto de vista do narrador, que, sendo em terceira pessoa, porque não é diretamente assumido por Aires, traz a essência do Conselheiro (que sente tédio pelas controvérsias, que aprecia adágios), vista através da admiração e condescendência que o narrador tem pelo próprio personagem diplomata, da simpatia por outros que lhe são caros e por gostos pessoais relacionados à diplomacia. Lembramos aqui da afirmação de Dirce Cortes Riedel (1975), sobre *Esau e Jacó*, de que naquela narrativa o “Ele” é, na verdade, o “Eu” do Conselheiro Aires. Assim em alguns pontos da nossa leitura é inevitável a pergunta a propósito de quem está falando na narrativa. Cito um desses momentos, quando, no capítulo CXI, intitulado “Um Resumo de Esperanças”, o traço que o narrador expõe sobre sua personalidade coincide integralmente com o que sabemos ser peculiar ao Conselheiro Aires, até mesmo por sua opção profissional. Transcrevemos, abaixo, o trecho a que estamos nos referindo. Vão em destaque as palavras do narrador sobre si mesmo:

Quando um não quer, dous não brigam. Tal é o velho provérbio que ouvi em rapaz, a melhor idade para ouvir provérbios. Na idade madura eles devem já fazer parte da bagagem da vida, frutos da experiência antiga e comum. Eu cria neste; mas não foi ele que me deu a resolução de não brigar nunca (Assis, 1959, p. 1012).

No discurso das previsões de Bárbara, cabocla do Castelo, procurada por Natividade para saber sobre o destino dos gêmeos, se abrem possibilidades para diferentes interpretações, que ficariam subordinadas ao ponto de vista de cada um, como o que foi escolhido por Natividade de que, embora seus filhos tenham brigado no ventre materno, os esperava um futuro brilhante. Assim como “todos os oráculos têm falar dobrado, mas entendem-se” (Assis, 1959, p. 878),

CRÍTICA LITERÁRIA I

parece que a narrativa de *Esau e Jacó* acompanha este movimento pela insistência do narrador na lembrança de que as situações variam mais pelos pontos de vista do que propriamente pelo que na realidade são. Por isso, Natividade não ouviu mais nada do que lhe tinha a dizer a cabocla do Castelo, apegando-se apenas e essencialmente ao que ela gostaria de ouvir sobre os destinos de seus gêmeos, ou seja, que “as cousas futuras seriam bonitas e os filhos grandes e gloriosos” (Assis, 1959, p. 878). Esta pode ser também uma das metáforas da obra relacionada a alguns leitores que escolhem previamente sentidos para as histórias que lêem, garantindo um lugar mais confortável no seu processo de leitura. Em diálogo entre D. Cláudia e Aires, sobre a inexplicabilidade de Flora, as palavras de Aires significam muito nesse sentido:

Tudo está, porém, na definição que dermos a esta palavra. Talvez não haja nenhuma certa. Suponhamos uma criatura para quem não exista perfeição na terra, e julgue que a mais bela alma não passa de um ponto de vista; se tudo muda com o ponto de vista, a perfeição... (Assis, 1959, p. 914).

São frequentes as intervenções do narrador, chamando a atenção dos leitores, para a maleabilidade de um único fato visto, no entanto, sob diferentes olhares. Daí a dificuldade do acerto nas adivinhações, de saber certamente sobre algo, “porque o homem varia do homem” (Assis, 1959, p. 883), ou porque há “uma multidão de dependências na vida” (Assis, 1959, p. 936).

Dessa maneira, este tipo de leitor que espera alcançar um ponto fixo, ou um porto seguro na leitura de *Esau e Jacó*, cedo estará se sentindo pouco à vontade nela, obrigado que fica a encontrar por si mesmo explicações para fatos das histórias que traz, como, por exemplo, a das barbas do Frei e do maltrapilho, para ações e sentimentos dos personagens, como os de Flora, que não lhe são dadas, mas lhe causam curiosidade, inquietações, reflexões. O reconhecimento do narrador de que, muitas vezes, poderia poupar o esforço do leitor, dando-lhe as explicações necessárias e não deixando a cargo deste encontrar possíveis significações relativas à história que conta, é textualmente lido, no seguinte trecho: “Explicações comem tempo e papel, demoram a ação e acabam por enfadar. O melhor é ler com atenção” (Assis, 1959, p. 882). Mas, por outro lado, há que se ler as declarações do narrador sob o ponto de vista crítico não somente em

relação às atitudes de alguns leitores. Em vários segmentos da narrativa de *Esau e Jacó* a crítica se dá mais amplamente, indo até os movimentos literários que, de certa maneira, regulam atitudes que cerceiam a liberdade dos leitores. O exagero nos detalhes que compõem as narrativas representativas da Escola Realista, que querem dar a exata ilusão da realidade, retira dos leitores o poder de imaginação e de crítica. As descrições pormenorizadas preenchem espaços na ficção, o que seria também atribuição de leitores mais participativos. Talvez possamos considerar em *Esau e Jacó* o capítulo “Tudo que Restrinjo” como um exemplo ilustrativo desta visão crítica de Machado de Assis sobre a técnica narrativa adotada pelos seguidores do estilo realista. No referido capítulo, em que o narrador relata aspectos importantes da vida dos gêmeos, desde a primeira infância de ambos, nada fica sem ser dito, ainda que não o faça sob a égide do detalhamento exacerbado como ocorreria em uma narrativa típica da Escola em questão. Confrontam-se novamente duas possibilidades de realização da narrativa, só que desta vez o narrador não se verga aos “ditames da hora”, mas opta pelo enxugamento do discurso, que nem por isso priva os leitores de conhecimentos importantes sobre a vida dos meninos e nem enfada “a leitora curiosa” de vê-los “homens e acabados. Assim também há no tempo histórico em que se passa a história de *Esau e Jacó* uma complexa rede tecida por fios que não deveriam se aproximar, mas que acabam convivendo e revelando traços bastante significativos sobre aquele final de século XIX. Reconhecemos, mais uma vez, a pertinência das considerações de John Gledson, que vê imbricadas as mais íntimas relações entre a ficção machadiana e acontecimentos da História do Brasil oitocentista. A convivência ou mesmo a concomitância dos dois regimes políticos – a Monarquia e a República –, que estão nas estruturas absolutamente iguais dos dois gêmeos Pedro e Paulo, revela a relatividade das oposições. A insatisfação pessoal de Flora, no plano afetivo, também evidencia as dificuldades da versão simplista de opção por Pedro ou por Paulo, que se quer impor à moça, pelas “leitoras curiosas”. Revelam-se, nos exemplos aqui destacados, a visão crítica de Machado de Assis em relação às questões históricas, sua “razão cética”, como Kátia Muricy (1988) desenvolve, em trabalho sobre a obra ficcional machadiana, que evidencia a necessidade de postura reflexiva sobre as contradições que a História do país apresentava, naquele final de século, quando circulava um discurso cientificista regulador do soci-

CRÍTICA LITERÁRIA I

al, cuja fragilidade Machado foi tão sensível em denunciar, em “O Alienista”. Tal discurso está, nas ações de Simão Bacamarte na Casa Verde, mas se nota também, em *Esau e Jacó*, na justificativa da recusa por parte de Flora ao casamento, a que já nos referimos anteriormente, como sendo uma atitude típica de alguém vitimado por alguma doença. É desta forma que se abre o capítulo CV, intitulado “A Realidade”: “A moléstia, dada por explicação à recusa do casamento, passou à realidade daí a dias. Flora adoeceu levemente” (Assis, 1959, p. 1006). Aliás, a leitura do texto, atribuído a Aires para esclarecer a Flora do porquê de chamá-la “inexplicável”, torna-se matéria importante para se entender a dificuldade das definições, a imprecisão que alcançam. Assim como se relaciona à forma reducionista como são tratadas as complexidades dos fatos históricos, na medida em que deixam de lado muitas implicações e “vetores” que carregam. Transcrevemos, abaixo, as palavras de Aires, insistentemente, cobradas por Flora, a fim de esclarecer as razões que levavam o Conselheiro a considerá-la como sendo inexplicável, mas que, na verdade, nos colocam diante de um texto que nos incita a pensar em Flora também como uma metáfora da Arte, da Leitura:

Inexplicável é o nome que podemos dar aos artistas que pintam sem acabar de pintar. Botam tinta, outra tinta, muita tinta, pouca tinta, nova tinta, e nunca lhes parece que a árvore é árvore, nem a choupana choupana. (Assis, 1959, p. 918).

Configura-se a dura tarefa de se dar conta de uma realidade, vislumbrando-se que ela não depende somente do autor de um quadro, ou de obra literária, com amplos recursos técnicos para fazê-lo. Verificamos nesse momento as idéias de G. Genette a respeito de textos literários que não apresentam um sentido acabado, mas são “reservas de formas que esperam os seus sentidos”. Eles estariam então também em nós, seus leitores, artífices que se revelam, entre si, os mais díspares em termos de formação sócio-cultural, do tempo histórico em que vivem, do tempo de vida de cada um, dos valores que trazem. Aqueles que também colaboram para os sentidos da obra com a imaginação. Por isso, as dificuldades de definições, conforme acontecem em *Esau e Jacó*, se ampliam à questão da leitura, porque ela se renova a cada vez que dela se acerca um novo leitor do tipo “ruminante”.

É, ainda, através da representação ficcional sobre a leitura, em *Esau e Jacó*, que Machado de Assis reafirma seu posicionamento histórico, que se constrói pela participação de sujeitos ativos, em um processo que não se esgota, em um final esperável.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. 3 v.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? **In:** *Veja*, s.d.

GENETTE, Gerald. *Figuras*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996, 2v.

———. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Janeiro: EdUERJ, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

RIEDEL, Dirce Cortes. Um romance “histórico”? **In:** ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 1975.